

REENCONTRO
literatura

Arthur Conan Doyle

**O signo
dos quatro**

Tradução e adaptação de
Laura Bacellar

Ilustrações de
Carlos Fonseca



editora scipione

Gerente editorial
Sâmia Rios

Editora
Maria Viana

Editor assistente
Adilson Miguel

Revisoras
Gislene de Oliveira,
Nair Hitomi Kayo,
Sandra Regina de Souza
e Amanda di Santis

Editora de arte
Marisa Iniesta Martin

Diagramadora
Fabiane de Oliveira Carvalho

Programador visual de capa e miolo
Didier Dias de Moraes



editora scipione

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400
Freguesia do Ó
CEP 02909-900 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br
e-mail: atendimento@scipione.com.br

2013

ISBN 978-85-262-6462-5 – AL

ISBN 978-85-262-6463-2 – PR

Cód. do livro CL: 734518

1.ª EDIÇÃO

6.ª impressão

Impressão e acabamento

Traduzido e adaptado de *The Sign of Four*, de Arthur Conan Doyle. In: *Sherlock Holmes: the Complete Novels and Stories*. Vol. I. New York: Bantam, 2003.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bacellar, Laura

O signo dos quatro / Arthur Conan Doyle; adaptação de Laura Bacellar; ilustrações de Carlos Fonseca. – São Paulo: Scipione, 2006. (Série Reencontro literatura)

Título original: *The sign of four*.

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Doyle, Arthur Conan, 1859-1930. II. Fonseca, Carlos. III. Título. IV. Série.

06-7972

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura infantojuvenil 028.5

2. Ficção: Literatura juvenil 028.5



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



SUMÁRIO

<i>Quem foi Arthur Conan Doyle?</i>	4
<i>Quem é Sherlock Holmes?</i>	5
A ciência da dedução	7
A exposição do caso	14
Em busca de uma solução	20
A história do homem careca	25
A tragédia da mansão de Pondicherry	33
Sherlock Holmes faz uma demonstração	38
O episódio do barril	46
A força auxiliar da rua Baker	56
Um elo quebrado	65
O fim do selvagem	71
O grande tesouro de Agra	78
A estranha história de Jonathan Small	82
<i>Quem é Laura Bacellar?</i>	96

QUEM FOI ARTHUR CONAN DOYLE?

Arthur Conan Doyle nasceu em Edimburgo, na Escócia, em 1859. Estudou medicina e teve uma vida agitada: acompanhou navios baleeiros, foi correspondente de guerra e até mesmo ajudou a livrar dois homens da prisão, acusados por crimes que não cometeram, agindo na vida real como seu detetive ficcional.

Em 1887, o autor publicou a primeira história em que Sherlock Holmes aparece, “Estudo em escarlate”, numa revista chamada *Beetom’s Christmas Annual*. Doyle não pretendia muito com sua brincadeira policial, preferindo imaginar-se um escritor de obras “sérias”. No entanto, quando publicou *O signo dos quatro*, em 1890, o sucesso foi tanto que passou a dedicar-se exclusivamente à literatura. Foi ele o inventor do formato de aventuras em série, hoje tão comum em todos os meios de entretenimento. Até o surgimento de Sherlock Holmes, as histórias eram publicadas em jornais e revistas em capítulos, e se os leitores deixassem de ler algum perdiam o interesse pela série toda. Conan Doyle teve a ideia de apresentar sempre os mesmos personagens, em aventuras que começavam e terminavam no mesmo conto, conquistando assim legiões de fãs no mundo todo.

O criador de Sherlock Holmes morreu em 1930.

QUEM É SHERLOCK HOLMES?

Indiscutivelmente o detetive ficcional mais famoso do mundo, Sherlock Holmes ainda assim é produto de sua época. As investigações que conduz com tamanha inteligência acontecem à luz de lampiões, movidas a carruagens, comunicadas por telegramas. Londres, no século XIX, era a cidade mais metropolitana do mundo, com quatro milhões de habitantes, vida cultural intensa em teatros e museus, a riqueza do imenso Império Britânico espalhada entre seus nobres. Mas era também um local de preconceito: os ingleses consideravam-se um povo superior aos “selvagens” que conquistavam na África e na Ásia.

O fato de Sherlock ter ficado conhecido como investigador genial e não como o óbvio cavalheiro vitoriano que também era demonstra a enorme força do personagem. Seu sucesso foi tamanho durante os anos todos em que suas histórias apareceram (e até hoje) que, quando Doyle o matou em *O último adeus de Sherlock Holmes*, em 1893, os leitores saíram aos milhares às ruas de Londres com uma faixa preta no braço em sinal de luto! As cartas aos editores foram tantas e tão insistentes que o autor foi obrigado a trazer o personagem de volta à vida, continuando a série ainda por muitas aventuras.



A ciência da dedução

Sherlock Holmes estava num de seus humores lânguidos. Sentado em sua poltrona sem se mexer, mirava o nada com olhos opacos. Não sei se porque eu tinha tomado vinho demais no almoço, ou outra razão qualquer, fiquei irritado com sua imobilidade.

– Minha mente se rebela contra a estagnação, meu caro Watson – disse ele, percebendo meu desconforto. – Nada me aborrece mais do que a rotina da existência. Preciso de uma análise intricada, um criptograma obscuro para sentir-me bem. Foi por isso que escolhi a minha profissão, ou melhor, a criei, já que sou o único no mundo.

– O único detetive não oficial? – perguntei, levantando as sobrancelhas.

– O único detetive consultor não oficial. Sou o último recurso quando os investigadores da Scotland Yard não sabem mais o que fazer, o que, aliás, é bem comum. Eles me trazem os dados, que eu examino com meu olhar de especialista. Minha opinião os ajuda a resolver os crimes sem que eu leve crédito algum. Meu nome não aparece nos jornais; o trabalho em si, o uso dos poderes de minha mente, esse é meu prazer.

– De fato, suas habilidades de dedução são extraordinárias. Tanto que estou fazendo um pequeno relato de suas aventuras – fui obrigado a concordar.

– Li o que você escreveu, meu caro doutor, e achei o resultado romântico demais. É como se você tivesse enxertado uma história de amor num teorema de Euclides. A detecção é uma arte exata que deve ser abordada de maneira fria e sem emoções. – Uniu as pontas de seus longos dedos num gesto de pouca modéstia.

Fiquei aborrecido com a crítica a um trabalho que eu tinha escrito como elogio ao meu colega de apartamento. Parecia que Holmes queria cada linha dedicada exclusivamente à lógica de suas deduções, o que me pareceu de uma vaidade imensa. Fiquei calado, apenas sentindo o desconforto do meu ferimento à bala na perna, tantos anos antes no Afeganistão, que ainda doía a cada mudança de tempo.

– Recentemente pude auxiliar um inspetor francês. – Ele mostrou uma carta que havia recebido recheada de *magnifiques* e *tours-de-force* de um certo François le Villard.

– Ele parece considerá-lo um mestre – comentei, ainda um tanto contrariado.

– Ele possui duas das três qualidades essenciais a um detetive ideal: o poder de observação e o de dedução. Falta-lhe apenas o conhecimento, que pode adquirir.

rir com o tempo. Ainda mais porque está traduzindo alguns de meus trabalhos para o francês.

– Que trabalhos?

– Andei escrevendo monografias técnicas que interessaram o colega, como por exemplo “As cinzas de diferentes charutos e cigarros”, em que analiso a cor e a textura de marcas conhecidas – explicou enquanto acendia seu próprio cachimbo com gestos precisos. – Escrevi também sobre como tirar o molde de pegadas com gesso, e ainda a influência das profissões no formato das mãos, com ilustrações de mãos de pedreiros, marinheiros, compositores, tecelões e lapidadores de diamantes. Esse é um aspecto prático de grande interesse para o detetive que esteja investigando o cadáver de um desconhecido ou queira saber os antecedentes de um criminoso.

– Você tem uma aptidão genial para captar detalhes, Holmes. Mas falou há pouco sobre observação e dedução. Não são a mesma coisa?

– De modo algum, doutor. – Recostou-se na poltrona com prazer e soltou uma baforada de seu cachimbo. – Por exemplo, a observação indica que você esteve hoje de manhã no correio da rua Wigmore, mas é a dedução que me permite saber que enviou um telegrama.

– É verdade! – exclamei. – Mas como soube, se não contei a ninguém e segui um impulso de última hora?

– Elementar, meu caro Watson. Tão simples que é quase supérfluo explicar, mas serve para ilustrar a diferença entre observação e dedução. Observei que você tem um pequeno torrão de barro avermelhado grudado no seu sapato direito. Sei que em frente ao correio da rua Wigmore estão consertando as calçadas e que é impossível entrar lá sem pisar na terra revirada. O solo ali tem uma cor avermelhada muito parti-

cular, que não encontrei em nenhuma outra parte das vizinhanças.

– Mas como deduziu o telegrama?

– Eu sabia que você não tinha escrito nenhuma carta, já que o vi sentado aqui a manhã inteira. E notei também que tinha um bom estoque de selos e cartões-postais em sua escrivaninha. Por que outra razão então teria ido ao correio senão para enviar um telegrama? Elimine todas as possibilidades e a que resta será a verdadeira.

– Tenho de admitir que acertou – respondi depois de refletir um pouco. – Mas você se importaria de testar suas teorias de modo menos elementar?

– Claro que não – respondeu. – Adoraria algo para ocupar a minha mente.

– Você costuma dizer que é difícil uma pessoa ter um objeto de uso diário sem deixar nele marcas de sua individualidade, que um observador atento pode detectar. Tenho aqui um relógio que chegou às minhas mãos há pouco tempo. Você me daria uma opinião sobre os hábitos de seu antigo dono?

